

## **A RESPOSTA DA PSICANÁLISE**

### **Apresentação do livro *Ditos III* de José Martinho<sup>118</sup>**

Filipe Pereirinha<sup>119</sup>

Ao ser convidado – convite que muito me honra – para apresentar o livro, *Ditos III*,<sup>120</sup> e o autor, José Martinho, veio-me à ideia algo que, se não me falha a memória, constava de *A Minha Psicanálise*, livro que o mesmo publicou, igualmente nesta editora, em 1997 – já lá vão, portanto, alguns anos. Esclarecia ele, na altura, que a sua psicanálise o desautorizava, num certo sentido, a tornar-se um autor. Isto levou-me a ficar algo embaraçado, não sabendo se devia apresentar o autor ou o «não-autor» deste livro. Afinal, quantos livros são precisos para

nascer um autor? *Ditos III* poderia ser uma boa conta, pois, como diz o povo na sua imensa sabedoria, «à terceira é de vez!».

Compreende-se que José Martinho, que é, acima de tudo, um psicanalista, tenha feito esse esclarecimento prévio, pois não se trata, nos seus escritos, de simples literatura ou poesia, ainda que rasgos da mesma possam, aqui ou ali, relampejar. Contudo, passado este tempo, eu gostava – se ele me permitir, naturalmente – dizer que José Martinho já se tornou também um autor. E eu diria mais: não



apenas um autor entre outros, mas um autor de referência, incontornável para todo aquele que pretenda inteirar-se, em Portugal, sobre o que é uma *orientação lacaniana*, tanto na prática como na teoria.

Com efeito, José Martinho é já um marco na história da psicanálise em Portugal, na medida em que foi um dos principais impulsionadores desta *orientação* no nosso país, ao criar, nomeadamente, a Antena do Campo Freudiano (ACF) e o Centro de Estudos de Psicanálise (CEP), cujo trabalho

foi recentemente reconhecido por um painel internacional da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) como «uma contribuição importante cuja seriedade é de assinalar e que deixa entrever desenvolvimentos positivos nos próximos anos».

Nos três últimos livros, José Martinho tem-se mantido fiel a um único título – *Ditos* – variando apenas o número da série: I, II e III. Porquê «ditos»? Porque é nestes, no que é dito por cada analisando, que se baseia uma análise. É também o que, num certo sentido, impede um psicanalista de se tornar um «autor». A singularidade da sua própria análise e de cada análise singular que ele dirige impedem-no de se tornar um autor...como os outros.

<sup>118</sup> Grande Auditório da Feira do Livro (Lisboa), dia 5 de Junho de 2005, 21h30.

<sup>119</sup> Antena do Campo Freudiano

<sup>120</sup> MARTINHO, José. (2005). *Ditos III, Conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século

Pensa-se – e com razão – que numa análise compete ao analisando falar, enquanto o analista se mantém em silêncio a maior parte do tempo. O analista cala-se para escutar o que é dito pelo analisando. Pois bem, no caso presente, é o psicanalista quem fala, quem escreve, e somos nós que ocupamos o lugar do grande Outro – supostos-saber-ler o que está escrito ao longo das 192 páginas deste livro.

Pensa-se igualmente – com uma certa razão – que a psicanálise está voltada para o passado (Freud, a infância, o inconsciente...). Ora, acontece que este último livro de José Martinho se vira, decididamente, para o futuro. É por isso que, ao mesmo tempo que faz série com os anteriores, marca também uma ruptura, abrindo novas frentes de interpelação e de análise.

Pensa-se, além do mais, que a psicanálise lançou novos desafios ao mundo (tal como os portugueses, no seu tempo, deram «novos mundos ao mundo»). Mesmo que não deixem de ter razão os que assim pensam, também é verdade que há cada vez mais desafios que o próprio mundo lança à psicanálise. É nesta dupla vertente e em torno destes «novos desafios» – nomeadamente os políticos e científicos, mas não só – que reside a aposta e a novidade deste livro.

Pensou-se, finalmente, que a psicanálise, após um tempo de dificuldades iniciais, se imporia definitivamente no mundo, inscrevendo aí a sua marca indelével. Porém, o próprio mundo, como já dizia o nosso poeta, é composto de mudança (a globalização, as novas potências, em particular a chinesa, a profusão de seitas e medicinas alternativas, ao mesmo tempo que cresce a hegemonia da ciência - o que não deixa de ser paradoxal - estão aí para o demonstrar) e há, por isso, cada vez mais «interrogações» no ar, sinais preocupantes de que a *coisa freudiana* pode estar em vias de se perder. Se quiséssemos imaginar uma fábula em que fosse dado à psicanálise falar, poderíamos colocar na sua voz a seguinte interrogação: «Será que o mundo me pode perder? E, nesse caso, o que perderia o próprio mundo?».

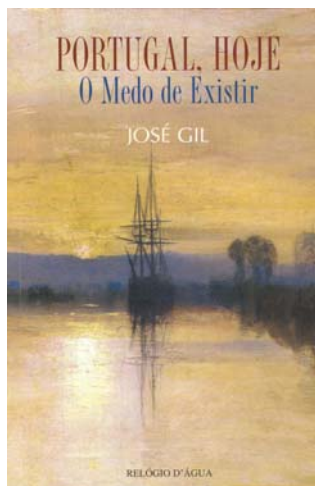
É por ter a coragem de não «denegar» e, pelo contrário, de dar voz a estas novas questões e aos desafios científicos, políticos e éticos que elas implicam que este é um livro profundamente oportuno e actual.



## De um país que não fosse o da aparência

Filipe Pereirinha<sup>121</sup>

Sem ser propriamente catastrofista ou optimista, como o autor sublinha nas «notas finais», o mais recente livro de José Gil, *Portugal, Hoje*,<sup>122</sup> propondo-se abordar um tema algo «indefinido» e transversal a diversas disciplinas, é de uma extrema lucidez acerca do nosso país. Nessa medida, o tom que ele imprime à forma como conclui um dos capítulos, dizendo abertamente que «Portugal arrisca-se a desaparecer» (cf pp. 71-73), mais do que alarmista, soa lógico e consequente com todo o resto da sua argumentação.



Na base desta argumentação, há uma tese essencial: Portugal é o país da «não-inscrição». Isto não significa que Portugal, nestes últimos anos, não tenha feito um esforço para se «inscrever», nomeadamente na Europa; mas tal «inscrição» é apenas imaginária, aparente, e aquilo de que se trata aqui é circunscrever algo que não seja, por assim dizer, do registo da aparência. Algo «real», que «marque» o real e o transforme produtivamente. Pelo contrário, segundo o autor, em Portugal nada tem existência real, nada se inscreve, nada acontece. Não obstante, cultiva-se a imagem (o narcisismo), sobretudo para fora, para os outros, os estrangeiros; fala-se muito, mas é uma fala «esvaziada»; escreve-se e legisla-se sobre quase tudo, talvez porque nada se inscreve realmente. Há, assim, uma espécie de «nevoeiro» ou «sombra branca» (em grande medida inconscientes) a cegar o desejo e a tolher a acção.

Nesta incursão pelo nevoeiro que nos tolda e paralisa, e apesar da sugestão «mítica» do termo, não se trata aqui de uma nova “psicanálise mítica” (Eduardo Lourenço) sobre Portugal, ainda que, para o bem ou para o mal, a psicanálise seja uma das referências constantes do autor ao longo deste ensaio. Sobretudo alguns nomes: Freud, Ferenczi, Nicolas Abraham,

<sup>121</sup> Antena do Campo Freudiano

<sup>122</sup> GIL, José. (2004). *Portugal, Hoje, O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água

Maria Torok, e algumas noções: «inconsciente», «trauma psíquico», «cripta», etc. O que mostra, de algum modo, a produtividade dos conceitos psicanalíticos mesmo para «além dos muros» da psicanálise propriamente dita.

Mas o que é uma inscrição? O próprio autor faz a pergunta (p. 48) e dá-nos um conjunto de elementos que nos ajudam a situar a resposta. Antes de mais, há que fazer a diferença entre as «boas» e as «más inscrições», ou seja, as que aumentam o poder de vida e as que o destroem. Depois, convém fazer a diferença entre três registos (real, imaginário e simbólico) segundo os quais podemos enquadrar a questão. De acordo com o autor, não há inscrição imaginária e a inscrição simbólica não tem um poder transformador, pois não faz mais do que continuar a realidade já construída. Sendo assim, a verdadeira ou boa inscrição é, na sua essência, um acontecimento real.

É aqui, talvez, em meu entender, que a argumentação de José Gil é mais frágil. Na verdade, se, por um lado, ele diz que a inscrição simbólica (numa clara, se bem que não explícita, alusão à psicanálise de orientação lacaniana) «não faz mais do que continuar a realidade já construída» (pp. 48-49), por outro, não deixa de reconhecer e sublinhar que a fala representa uma «condição essencial da inscrição» (p. 54). Segundo o exemplo que ele próprio dá, uma mãe pode investir toda a sua ternura no acto de amamentar um bebé, mas para que esse acto se inscreva, tanto nela como no bebé, é preciso que ela lhe fale enquanto o amamenta. Como se vê pelo exemplo, a fala, aqui, não é mero veículo de uma inscrição prévia (digamos, real), mas a condição para que essa inscrição (real) se torne possível e aconteça efectivamente. Percebendo-se, embora, que o autor queira insistir na natureza real do fenómeno (e não aparente, segundo um possível entendimento do imaginário e do simbólico), também seria importante esclarecer, para que não fique a sensação de um certo «nevoeiro conceptual», que o real (pelo menos em Lacan) não se confunde com a «realidade», tal como o imaginário não se confunde com a imagem e o simbólico, se bem que a torne possível, não se confunde com o «esvaziamento da palavra», de que fala o autor (p. 57).

Prosseguindo: o que se inscreve (realmente) é fonte de potência, de vida, desejo e transformação real; o que não se inscreve ou inscreve mal, repete-se, por exemplo sob a forma de medo; um medo como efeito da não inscrição, mas também como causa, como «estratégia para não inscrever» (p. 78). É nessa medida que ele, perdido o objecto que o causa, porque não inscrito, se torna difuso, sem objecto (apesar da definição de Freud, que lhe dava um objecto, diferentemente da angústia) e se transforma, segundo a expressão do autor, que dá subtítulo a este ensaio, num “medo de existir».

Como causa próxima deste medo, podemos apontar o salazarismo (de resto, não é a primeira vez que o autor o revisita), mas a novidade deste livro está em supor que as causas podem vir de mais longe (cf. p. 134), de uma espécie de «trauma inaugural», reactivado através da história, de que o salazarismo seria (apenas) um dos pontos culminantes. Esse trauma inaugural, segundo o autor, é o próprio «trauma da não-inscrição» ou a «não-inscrição que se torna trauma». Isto quer dizer, finalmente, que não é este ou aquele acontecimento em particular que não se inscrevem, mas a própria existência, a não inscrição da existência como tal.

Resta a pergunta: porque é que em nós, talvez mais do que nos outros (segundo o tom geral do livro) se cristalizou este «medo de existir»? Uma resposta, não toda, é porque houve, na nossa história, acontecimentos, contingências ou vicissitudes, de que o salazarismo é o exemplo mais recente e ainda vivo, se bem que imaginária, simbólica e realmente mal inscrito.



**Lacan e seus Outros,  
ou quanto um autor é capaz de intervir  
na leitura de sua obra?**

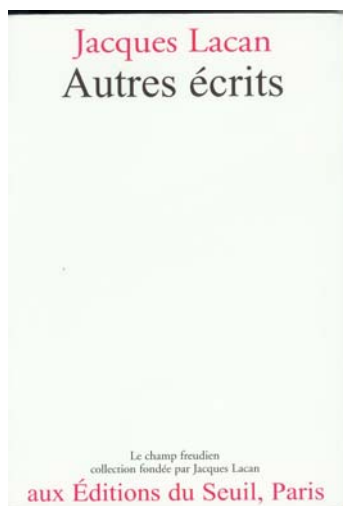
Marcus André Vieira<sup>123</sup>

A publicação dos *Outros Escritos*,<sup>124</sup> selecção de textos de Jacques Lacan, além de ser um acontecimento editorial, renova o debate sobre a relação entre um autor e os seus leitores. Tentarei demonstrá-lo tomando como ponto de partida a experiência analítica no que concerne à memória.

Uma análise exhibe o carácter anárquico do nosso arquivo de lembranças. Nesse baú, acumula-se todo tipo de acontecimento: os essenciais e os insignificantes, os vividos, os não-vividos (e mesmo os de ocorrência indefinida), as repercussões de experiências-chave com sua potência proustiana de desencadear sensações etc.

A apaziguadora ideia de que nossa vida é uma entidade encadeada, sucessão linear de episódios, tão essencial no dia-a-dia, situa-se, assim, na contramão da análise. Esta, em vez da totalização de uma história, de um trabalho de edição visando uma versão final dos fatos subjectivos, é bem mais uma releitura, um recorte que reconfigura uma existência e modifica um destino.

Desse ponto de vista, como abordar a massa de documentos que se deposita em torno de um autor? A existência de uma obra, autónoma, como legado natural de um pensador para a humanidade, tem muito de ilusão. Habitualmente, admitimos que as Obras Completas deste ou daquele são a reunião de todos os seus textos referentes ao campo em que se tornou



<sup>123</sup> Marcus André Vieira é psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, professor do Departamento de Psicanálise da PUC-Rio e autor de *A Ética da Paixão* (Jorge Zahar, 2001). Este texto sobre a tradução brasileira de *Autres écrits* (LACAN, J. (2003). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar) foi primeiramente publicado no Caderno “Ideias” do Jornal do Brasil, como resposta a uma resenha publicada em 13/3/2004.

<sup>124</sup> LACAN, Jacques. (2001). *Autres Écrits*. Paris: Seuil.

referência. Essa definição pode, no entanto, gerar um sem-número de questões: Como definir e ordenar o que seriam os textos «maiores» e os «menores»? Quais seriam as obras ditas de «juventude»? Devemos incluir apenas os textos publicados em vida? Apenas os reconhecidos pelo autor, ou também aqueles por ele recusados? E os rascunhos? E os textos apócrifos?

Estas colocações são especialmente pertinentes no caso de Lacan, que sempre esteve alerta para o ato envolvido na constituição de uma obra, assim como para o papel crucial e nada imparcial desempenhado pelo editor. Basta lembrar como ele, Bettelheim e outros permitiram-nos avaliar o efeito exercido por Strachey sobre o texto de Freud, não apenas como tradutor mas também como editor, aproximando-o do discurso médico-científico da época e reduzindo radicalmente a virulência de seu texto.

Poderíamos, aqui, apelar para a exaustividade – considerar que basta tudo publicar, deixando à comunidade dos leitores essas difíceis decisões. Lacan, que retoma diversas vezes *Totem e tabu* para abordar a relação de Freud com seus seguidores, não poderia ignorar, no entanto, o quanto este Todo costuma se revelar um ideal fora de alcance e o quanto essa democracia textual comporta de canibalismo. É exactamente nesse sentido que vemos a cada ano surgir uma nova fita de porão dos Beatles, ou mais um disco póstumo de Renato Russo ou outro artista falecido, «remasterizados» em discutíveis híbridos.

Diante desse panorama, Lacan optou por uma estratégia editorial original. Por um lado, no campo de seu ensino oral, seu *Seminário*, com um trabalho minimalista de edição empreendido por Jacques Alain Miller (não vamos discuti-lo aqui). Por outro, a publicação de uma selecção de seus textos que constituem os *Escritos* (Jorge Zahar, 1998).

Seriam esses escritos seu legado? Ao contrário, Lacan concebe-os como uma verdadeira intervenção sobre a difusão de massa de suas ideias: «Eu ainda não teria publicado esta colectânea de meus *Escritos*, se o que neles se emite (...) não tivesse acabado correndo sozinho para fora do campo onde se pode controlá-lo» (p.231). Nada de tentar controlar, portanto, a difusão de suas teses. Não se tratava de dar a elas a forma correcta do

mestre, nem de divulgá-las para o vasto público, mas sim de entrar em polémica com as que já circulavam, privilegiar algumas, subverter outras.

Lacan esteve, assim, à frente de seu tempo, pois a difusão não-oficial de informações só fez amplificar-se em nossos dias. A batalha das gravadoras com a difusão de arquivos musicais na internet evidencia o quão infrutífero é seu esforço, e isso sem que possamos dizer que tenha havido ganhos significativos em termos musicais ou de conhecimento. Hoje pode-se copiar sem dificuldades um CD contendo a transcrição de todos os quase trinta anos de seminários de Lacan, ou baixar, gratuitamente, mais de duas mil páginas de texto contendo praticamente tudo que ele redigiu.

É sob esse prisma que devemos examinar a operação editorial de Jacques Alain Miller. Seu projeto é claro: «O lançamento desta colectânea fará ex-sistir, cremos nós, um outro Lacan àquele que se tornou clássico» (p.12). Sua aposta renova a do próprio Lacan, quando este acreditou poder incidir sobre seus ditos, que se espalhavam pela Paris dos anos sessenta e que tendiam, a seus olhos, a torná-lo, assim como à psicanálise que ele encarnava, um clássico, um «classificado». Miller estabelece, então, uma montagem de textos que se trama com os *Escritos*, seguindo a mesma correlação interna definida por Lacan, em que se sucedem textos mais psiquiátricos, filosóficos, clínicos, lógicos em uma ordenação não necessariamente cronológica.

Apesar disso, os *Outros Escritos* não deixam de acenar com mudanças no pensamento lacaniano, pois reúnem formulações datando do período posterior ao dos *Escritos* – que, no entanto, distribuem-se pelo volume sem se concentrarem em uma secção final. Dessa forma, não prefiguram um «último Lacan», nem a publicação de um Outro do Outro, com os últimos dos últimos textos e assim ao infinito. Mantém-se no horizonte um volume que resiste à tendência ao arremate da obra por se delimitar, tal como o primeiro, tendo como ponto de fuga o ensino oral de Lacan. Este é seu Outro, sobretudo as teses radicais dos últimos anos de seminário.

A oposição, que já se tornou lugar-comum, entre o ensino de Freud predominantemente escrito e o de Lacan, oral, é apenas em parte verdade. Lacan escreveu bastante. Recusou-se, no entanto, a tomar seus textos

como a forma acabada de seu ensino. O título *Escritos* é antes de tudo «irônico, já que se trata seja de relatórios, função de congressos, seja, digamos, de «cartas abertas» em que faço um apanhado de uma parte de meu ensino» (p.16). Sua «publicação» (p.344) não lhes tira o valor, mas indica que constituem as «partes caducas de meu ensino» (p.344) e que sob este ângulo devem ser tomados, como o som dos cascos nos ensina sobre a cavalgada.

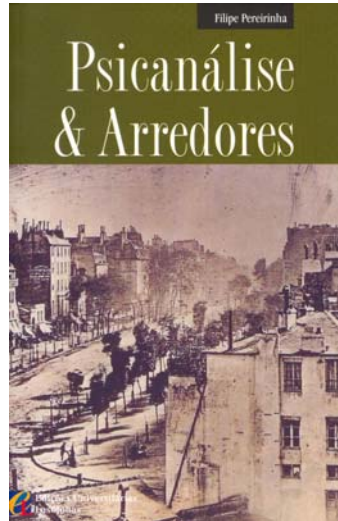
Compreende-se que «Lituraterra» seja o texto de abertura, pois ali Lacan revisa suas concepções quanto às relações entre oral e escrito. Com Derrida, contra o platonismo do senso comum, ele entroniza a escrita em um sentido vasto, o da máquina simbólica, do *automaton* significante. Contra Derrida (e Lacan), por outro lado, ele recusa qualquer precedência do escrito sobre o oral. Nem a fala antecede a escrita nem esta configura a fala. Destaca-se então uma escrita que não delimita o gozo como seu limite, que pertenceria à fala, mas é feita dele (a de Joyce e também a da caligrafia japonesa).

O que diz Lacan, além disso, através de seus Outros nesse volume? Exorta-nos a não esquecer que seus esquemas e sua topologia só existem graças a sua voz e a sua saliva ao longo de quase trinta anos nas tardes de quarta-feira; afirma ter tido sua cabeça negociada pelos seus alunos com a IPA; funda sua Escola e cria o Passe para verificar o final de análise; dissolve-a mais tarde sem desistir de ambos; aposta no estilo; assume o papel do profeta que lhe designa a multidão apenas para fazer valer o bufão analítico; desanca Laplanche; do alto de sua tribuna em Milão, interpreta o «analísante» Derrida; prefere Queneau a Lévi-Strauss.

Após ter passado os dois últimos anos às voltas com o estabelecimento de uma versão final do texto desse volume, a partir da tradução de Vera Ribeiro (com Angelina Harari e André Telles), respirando um texto trufado de polissemias literais que dá passagem não somente a ideias mas a um estilo, acredito que a aposta de Jacques Alain Miller pode fazer a voz de Lacan repercutir no Brasil. Basta ouvi-la: «Aprendam, pois, qual é o sinal pelo qual vocês poderão se certificar de que eles [os mistificadores] estão errados. A psicanálise é fonte de verdade, mas também

de sabedoria. E essa sabedoria tem um aspecto que nunca engana, desde que o homem começou a enfrentar seu destino. Toda sabedoria é um gaio saber. Ela se abre, subverte, canta, instrui e ri. Ela é toda linguagem. Alimentem-se de sua tradição, desde Rabelais até Hegel. Abram também os ouvidos para as canções populares, para os maravilhosos diálogos de rua... Neles vocês recolherão o estilo através do qual o humano se revela no homem, e o sentido da linguagem sem o qual nunca libertarão a fala» (p.152)





Ao definir o inconsciente como um «território estranho interno», Freud mostra-nos que entre o privado e o público, o interior e o exterior, a psicanálise e os seus arredores não há apenas uma simples oposição, mas igualmente uma estranha familiaridade. Bem cedo, com efeito, a invenção freudiana extravasou para fora de muros, vindo interpelar e sendo interpelada pelo mundo. É um eco dessa interpelação mútua que aqui se joga.

(contra-capa de PEREIRINHA, F. (2005). *Psicanálise & Arredores*. Lisboa : Edições Universitárias Lusófonas)